

Trabalhadores exigem melhores condições salariais



Os trabalhadores das Pousadas de Portugal estão, esta quinta-feira, em protesto. Esta manhã concentraram-se junto à sede do grupo Pestana, em Lisboa, para exigirem aumentos salariais, já que os ordenados não foram ainda actualizados este ano.

Os sindicatos adiantam que em Março o grupo Pestana apresentou uma proposta de 2 por cento, mas os trabalhadores exigem pelo menos 2,5 por cento, ou seja, um aumento mínimo de 15 euros para os trabalhadores com os salários mais baixos.

Perante o impasse nas negociações, Joaquim Pires, da Federação de Sindicatos de Hotelaria e Turismo, acusa a empresa de manter uma atitude negativa em todo o processo.

«Tem apresentado propostas que não repõem minimamente o poder de compra perdido nem os valores da inflação verificados e portanto apesar dos esforços feitos assiduamente por esta estrutura sindical para resolver este problema no sentido de uma revisão justa e digna dos salários a empresa tem feito propostas inaceitáveis e irreduzíveis», disse.

Os funcionários das Pousadas de Portugal concentraram-se em Lisboa e admitem endurecer a luta, recorrendo à greve.

Ouvido pela TSF, o presidente da Pestana Pousadas, explica que a proposta de aumentos salariais não se ficava apenas pelos dois por cento e critica a atitude dos sindicatos.

«O que fizemos este ano foi uma proposta inovadora no sentido de garantir um mínimo de aumento de dois por cento mais um prémio acima desse valor que dependeria dos ganhos de produtividade e dos resultados da empresa», disse José Roquete.

O presidente da Pestana condenou a «posição tão rígida» dos sindicatos face a uma proposta que se enquadra «numa visão mais moderna dos recursos humanos».

«Como a empresa tem atingido os objectivos nos últimos três anos, desde que foi privatizada, só posso interpretar isto como falta de confiança. A tendência será ter um aumento mínimo garantido e além disso estamos na disposição de ir até mais 1 por cento em função do cumprimento de diversas metas de gestão», acrescentou.

Quanto à possibilidade de greve José Roquete afirma que está tranquilo.

«A lei reconhece o direito à greve, às manifestações, respeitamos tudo isso, mas a grande maioria dos funcionários que conheço está com o grupo Pestana nas reformas de gestão que implementámos, haverá sempre os descontentes e eu próprio também não concordo com muitas coisas que se passam no país», adiantou.

O presidente da Pestana Pousadas recusa ainda que tenha existido uma degradação das condições de trabalho desde a privatização e diz que a empresa apenas pediu aos funcionários para aumentarem a produtividade.